

A nova imprensa da nova/velha Alemanha

Jacques Alkalai Wainberg
Professor na Pontifícia Universidade
Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS)

RESUMO

O artigo faz uma revisão bibliográfica de textos que analisam a crise que se abateu na imprensa da Alemanha no período da República de Weimar e sua reconstrução após a vitória Aliada sobre os nazistas. Na primeira fase, desponta a militância dos veículos que, por estarem a serviço de partidos políticos, se colocaram à disposição da luta emocional que travavam entre si as agremiações. Tal fato aprofundou a crise psicológica que se abatia sobre a população abalada com a derrota na Primeira Guerra, com o desemprego e a inflação. No período do pós-guerra, destaca-se o esforço de reconstruir os valores da prática jornalística de acordo com os preceitos de objetividade, balanceamento e propriedade privada que caracterizam o mundo ocidental. Nesta fase, destaca-se o regime de licenciamento através do qual os Aliados controlaram o reerguimento dos *mass media* da Alemanha.

Palavras Chaves: história alemã – imprensa alemã – jornalismo alemão

ABSTRACT

This article makes a bibliographical review of the press in Germany before and after Hitler takeover of power. It stresses the reasons of its decline in the Weimar Republic and the way by which the Allies, mainly the Americans, decided to rebuild the structure of the press and its values. In the first period, the German newspapers and journalists played the game of politics. They were used as a weapon by parties in their disputes. Instead of helping to reinforce the habits of democracy the press helped to undermine the Republic. In the second, the Americans installed the licensed system. Choosing the new publishers among those who were against the nazis in the Hitler period the new superpower controlled the press in the new Germany. After a while, this country was able to get its freedom of the press following the rules and habits of western countries.

Keywords: german journalism – german press – history of Germany

RESUMEN

El artículo hace una revisión bibliográfica de textos que analizan la crisis que sufrió la prensa en Alemania en el período de la República de Weimar y su reconstrucción después de la victoria Aliada sobre los nazis. En la primera etapa,

aparecen la actuación de los vehículos que, por el hecho de estaren al servicio de partidos políticos, se colocaron a disposición de la lucha emocional en la que se encontraban tales organizaciones. Tal hecho profundizó la crisis psicológica de la población causada por la derrota en la Primera Guerra, con el desempleo y la inflación. En el período de la post-guerra, se destaca el esfuerzo de reconstruir los valores del ejercicio del periodismo de acuerdo con los preceptos de objetividad, imparcialidad y propiedad privada que caracterizan el mundo occidental capitalista. En esta face, se destaca el régimen de permiso através del qual los Aliados controlan el resurgimiento de los *mass media* en Alemania.

Palavras claves: historia de Alemania – periodismo alemán – prensa de Alemania

INTRODUÇÃO

Este ensaio trata da imprensa alemã no período que antecedeu e no que sucedeu os anos da Segunda Guerra Mundial. O país teve em ambos os momentos importantes desenvolvimentos políticos que afetaram, de forma marcante, a imprensa. O que se pretende aqui é, através de uma revisão bibliográfica, resgatar as informações referentes ao tema e descrever tais desenvolvimentos e efeitos.

Para tanto, baseamo-nos nos seguintes fatos:

a) A Alemanha tem uma das mais antigas imprensas da Europa. Em 1984, por exemplo, possuía 3.337 jornais ¹ e na maior parte de suas cidades havia mercados competitivos: Berlim, por exemplo, possuía 45 diários; Leipzig, 18; e Hamburgo, 11. ²

Tradicionalmente, cada vilarejo de mil habitantes tinha tido, no passado, pelo menos dois periódicos.

b) A Alemanha tem uma história de liberdade de imprensa. Um dos mais antigos e importantes documentos concedendo liberdade de imprensa na Europa foi promulgado em 1849 pelo Parlamento Federal da Alemanha. Ele declara o direito de todo alemão de expressar suas opiniões livremente através da palavra oral e escrita, impressos, fotografias e artes gráficas. O documento também proíbe a censura.

c) No entanto, e paradoxalmente, visões totalitárias prevaleceram de tempos em tempos. Elas ressaltavam a necessidade de controle dos veículos de comunicação pelo Estado através da censura, supressão e cortes, anúncios oficiais, suspensão e leis regulatórias, limitando o direito de criticar o Governo e autoridades. Por exemplo, na Prússia, Frederico o Grande exigiu a lealdade dos jornalistas

¹ OLSON, Kenneth E. *The history makers: the press of Europe from its beginning through 1965*. Baton Rouge: Louisiana State University Press, 1966, p. 110.

² OLSON, K.E., *loc. cit.*

alemães.³ Bismarck, por sua vez, conseguiu convencer o rei William I a promulgar um edito negando aos jornalistas o direito de criticarem o Governo.

d) A tensão entre as visões totalitária e liberal se manifestou com nitidez na República de Weimar. No período de 1919 e 1933, o regime nascido da I Guerra Mundial tornou-se, de fato, num laboratório de trágicos experimentos políticos. A Constituição de Weimar está plena desta tensão provocada pelo choque de duas concepções: de um lado, a República baseou sua Lei Básica na Constituição liberal da Prússia de 1849; do outro, ela contém o famoso artigo 118 que destinava-se a promover a censura. Além dele, o artigo 48 permitia ao Presidente da República suspender as liberdades civis da Constituição "quando a segurança pública e a ordem estão seriamente ameaçadas". Este artigo, alguns anos mais tarde, proveria a fundamentação legal para que Hitler suprimisse todas as salvaguardas democráticas do país.

e) A imprensa da República de Weimar é acusada por inúmeros autores de ajudar seu próprio declínio assim como no declínio da própria República. Herbert Altschull, por exemplo, diz que ela foi "um instrumento menos para preservar as instituições democráticas e mais para promover o conflito".⁴ A imprensa foi utilizada, preponderantemente, como veículo de propaganda a serviço de partidos políticos deixando de ser um canal de informação. Como resultado, o seu tom partidário acabaria despertando o emocionalismo das massas através do sensacionalismo.

f) A recuperação da imprensa na Alemanha depois da guerra foi um caso único no qual potências estrangeiras tentaram tirar ensinamentos da experiência histórica do país dominado introduzindo e exigindo novos padrões profissionais dos jornalistas alemães. Duas décadas depois da guerra, o número de jornais já tinha aumentado de menos de mil no período nazista para 1460 diários, a maior parte deles refletindo os valores de objetividade, balanceamento e propriedade privada típicos do ocidente democrático e capitalista.

O esforço de reconstrução da imprensa alemã foi feito desde o início da invasão do continente europeu. Unidades móveis de especialistas em comunicação de massa avançaram junto com os exércitos aliados, e as agências de guerra psicológica enviaram impressoras e comunicadores fluentes em alemão.

³ ALTSCHULL, J. Herbert. Chronicle of a democratic press in Germany before Hitler takeover. *Journalism Quarterly*, v. 52, Summer, 1975, p. 230.

⁴ ALTSCHULL, *op. cit.*, p. 237.

A partir destes fatos básicos, o presente ensaio tenta responder a duas perguntas centrais: de que forma a imprensa contribuiu na vitória das forças repressivas sobre a visão liberal durante a República de Weimar, e como a Alemanha conseguiu recuperar a liberdade de imprensa e os hábitos da sociedade liberal após o fim da guerra ?

Esta revisão bibliográfica não trata dos *mass media* no Terceiro Reich. Ela centra a atenção no declínio da imprensa na década de 1930 e seu renascimento nos anos de 1940 e 1950 sob a vigilância dos Aliados. O ensaio igualmente restringe sua análise ao ressurgimento dos jornais na antiga República Federal da Alemanha, país que acolheu a tradição do jornalismo empresarial.

Em suma, o tópico é relevante já que descortina a conexão entre o clima político da Alemanha e a imprensa; porque nos ajuda a entender como os jornais da República de Weimar, agindo cegamente, ajudaram a minar os alicerces da sociedade liberal, e por consequência, o seu próprio destino; porque não se pode entender a nova imprensa alemã sem se entender suas raízes nestes contextos; e, finalmente, porque tais eventos nos apresentam um caso único que é, finalmente, um experimento social e político através do qual os Aliados reconstruíram a nova Alemanha sob novas estruturas políticas. Esta nova imprensa reflete os valores do ocidente tais como pluralismo, objetividade, propriedade privada, e independência dos partidos.

A IMPRENSA EM TURMOIL NA REPÚBLICA DE WEIMAR

A liberdade da imprensa sofreu as idas-e-vindas de três diferentes fases nas duas décadas de existência da República de Weimar. Na primeira, logo após a Primeira Guerra Mundial (1918-1923), o orgulho alemão mostrava-se gravemente ferido. A população sofria de escassez de produtos, a inflação estava levando o cidadão ao desespero e à perda de esperanças, e as oportunidades de emprego rareavam cada vez mais. Os alemães, em consequência, não se mostravam dispostos a manter a calma.

Os partidos de esquerda prometiam a salvação através da luta de classes. A direita, por sua vez, buscava inspiração no culto racial teutônico. E ambos atacaram a República. Estes fatos explicam porque a amplitude da liberdade de imprensa tornou-se tão restrita nestes anos nos quais o novo regime que emergia do império e da derrota na Primeira Guerra Mundial tentava consolidar-se.

Na segunda fase (1923-1929) vemos uma amplitude maior de opiniões sendo expressas; o Governo, sentido-se menos ameaçado pela imprensa mostrava-se mais aberto e tolerante. No entanto, na última fase, entre 1929 e 1932, um nacionalismo intransigente permitiu que jornais fossem suprimidos. O declínio da imprensa chegava a seu ponto mais baixo.

Nestas três fases, a Alemanha conheceu dois tipos de jornais: a imprensa partidária e a imprensa comercial. De acordo com Fliess, 47% dos diários eram veículos ideológicos servindo aos partidos em suas controvérsias.⁵ A imprensa partidária era sensacionalista, tentando mais difamar os adversários políticos do que informar o público.

Omissão de fatos tornou-se procedimento corriqueiro. "A imprensa podia ser silenciada, mas não se poderia forçá-la a publicar a verdade", diz ironicamente este autor.⁶ Em vez de ajudar a consolidar a República, o jornalismo de escândalos que estava sendo praticado provocaria "conseqüências desastrosas para uma já tensa sociedade".⁷

Em outras palavras, a imprensa partidária criou e manteve o emocionalismo das massas. O controle desta imprensa era feito desde as direções das organizações partidárias que encaravam os *mass media* como instrumentos de propaganda. Em conseqüência, a grande maioria das figuras públicas e comunicadores estava pronta para frustrar os projetos do Governo "sem conseguir concordar com uma política positiva de sua própria criação".⁸

Por outro lado, a imprensa comercial (53%) era regional, muito pobre em tecnologia, publicando somente seis páginas por edição em média, e três edições por semana, sem anúncios e sem reportagem investigativa. A maior parte destes jornais era dependente de anúncios oficiais, publicando notícias parciais favoráveis a grupos de interesses. Os *publishers* mostravam-se preocupados com suas imagens de incentivadores do *establishment* local, evitando, por isso, qualquer crítica às Autoridades. Muito freqüentemente, o destino de um jornal era definido pelo prefeito e pelo padre.⁹

Um grande número destes pequenos jornais comerciais eram dependentes de Alfred Hugenberg, o czar da imprensa alemã, que representava, de fato, a indústria do Ruhr. Devido à inflação e aos altos custos, tais veículos eram facilmente adquiridos por banqueiros e firmas industriais. Como resultado, muitos outros interesses comerciais começaram a tomar parte no controle da imprensa.

O caso de Hugenberg é um bom exemplo desta tendência da concentração dos periódicos comerciais na República de Weimar em poucas mãos. O czar tinha o mais poderoso império de comunicação da Europa, com quatro diários em Berlim, uma cadeia de jornais regionais, o Telegrafen Union – uma associação de

⁵ FLIESS, Peter J. *Freedom of the press in the German Republic 1918-1933*. Louisiana State University Press - Social Science Series - n. 4, 1955, p. 87.

⁶ FLIESS, Peter J., *op. cit.*, p. 80.

⁷ FLIESS, Peter J., *loc. cit.*

⁸ FLIESS, Peter J., *op. cit.*, p. 5.

⁹ FLIESS, Peter J., *op. cit.*, p. 795.

imprensa que servia mais de 1600 jornais no país. Ele também tornou-se o produtor e proprietário de 75% dos filmes alemães.

Esta tendência de monopólios ou concentração da propriedade de veículos de comunicação de massa tem sido um tema polêmico na Alemanha do pós-guerra. A insatisfação popular provocou a organização de uma comissão, a Comissão Guenther, destinada a examinar criticamente a situação e fazer recomendações. O documento com suas conclusões, publicado em 1968, recomendava que "qualquer grupo deveria ser limitado a 40% do mercado de jornais e 15% do de revistas".¹⁰

Em tempos recentes, Axel Springer é o exemplo mais citado deste fenômeno de concentração da propriedade da imprensa em poucas mãos. Com cinco títulos ele tinha conquistado 27,5% da circulação total semanal, e três de seus jornais dominicais tinham alcançado 90,9% da circulação dos fins-de-semana. Ele era o proprietário do Hamburger Abendblatt, com 228 mil exemplares de circulação em 1982; do Die Welt, comprado aos ingleses em 1953; do Berliner Zeitung, com circulação de 340 mil e comprado à Casa dos Ullstein, um dos três *publishers* judeus da Alemanha que fugiram à perseguição nazista; Berliner Morgenpost, com 180 mil de circulação e também adquirido dos Ullstein; e Bild Zeitung, o mais popular de todos os diários na Alemanha e concebido por Springer em 1952. Tanto o Bild como o Welt têm edições dominicais. O primeiro tem 2,7 milhões de cópias e o segundo 329 mil. Os competidores dos jornais de Springer são Frankfurter Zeitung (337 mil de circulação), Süddeutsche Zeitung (320 mil), e o Diezeit (semanal de 3.700.000).¹¹

A revista semanal de Springer, Hür-zu, tem uma circulação de 4 milhões, e o Funk-uhr tem dois milhões.¹² A Alemanha tem 2500 *publishers* produzindo 4000 magazines com uma circulação de 118 milhões de cópias, mas somente quatro grupos tem 70 por cento da circulação total neste mercado. Entre todos, Springer é o maior. Sua companhia tinha 12 mil empregados em 1982 e estava fazendo US\$ 800 milhões.

Mas além desta tendência nacional não podemos esquecer a existência das supremacias locais. De acordo com dados de 1971, 164 de cada 566 cidades tinham somente um jornal. A maioria era regional e os jornais locais consistiam de uma edição principal e várias edições subsidiárias. Em muitos casos eles esta-

¹⁰ (MÜLLER, Hans Dieter. Press power: a study of the Axel Springer. MacDonald: London, 1969, p. 5.)

¹¹ (HOLLSTEIN, Milton. Springer - Germany's most remorselessly criticized publishing giant. *Journalism Quarterly*, v. 59, Spring, 1982, p. 34)

¹² (HOLLSTEIN, M., *loc. cit.*)

vam organizados em redes cuja propriedade comum permitia que fossem impressos num local central "para propósito de economia e segurança de qualidade".¹³

Nestes casos, a primeira página era produzida diferentemente para cada jornal apresentando um logotipo diferenciado além das duas páginas produzidos pela redação local. Contraopondo-se a esta tendência estão os 25% da imprensa alemã que se constituem em propriedade de indivíduos privados de diferentes localidades. A concentração da propriedade já tinha sido percebida desde a década de 1950. Em 1954, por exemplo, 1500 publicações eram produzidas por 225 equipes. Vinte anos mais tarde, 1973 publicações eram produzidas por 130.¹⁴ (A opinião pública não ficou insensível a este tendência. Além das propostas apresentadas pela Comissão Guenther, os próprios *publishers* começaram a adotar políticas que amenizavam sua delicada posição política. Foi o caso de Axel Springer que vendeu quatro de suas revistas logo após a conclusão do estudo daquela Comissão.¹⁵ Na verdade, era de conhecimento público que a Alemanha nunca tinha tido no passado um império de comunicações tão vasto e poderoso como o de Axel. Mesmo Eher Trust, que durante o domínio nazista – de 1933 a 1945 – dominara as três editoras das famílias judaicas dos Ullstein, Mosse e Scherl, era menor que o domínio de Springer. Em Berlim e Hamburgo, por exemplo, dois terços das edições totais eram publicadas por sua companhia. O perigo de tal monopólio ficou evidente quando os estudantes, em sua revolta de 1968, deram um sinal vermelho a Springer ao transformá-lo na principal vítima de sua revolta e manifestação. Os escritórios de sua organização foram atacados em Berlim. O mesmo aconteceu em Hamburgo, Hanover, Essem, Frankfurt, Munique, Enlinger, Viena, Amsterdam, Roma, Londres e Nova York.

Springer foi chamado de aproveitador da guerra fria, sensacionalista, manipulador da opinião pública, e nacionalista reacionário. Ele era o símbolo do *establishment* "contra o qual o ato estudantil na Europa em 1968 queria lutar".¹⁶ Tais manifestações ocorreram, de fato, após o assassinato de Rudi Dutschke, o líder da Federação Estudantil Socialista. Build-Zeitung então apelou para que o terror cessasse antes que fosse tarde. O jornal advogou a idéia de se levar ao tribunal aqueles "que tiravam vantagem da democracia para cometer atos criminosos de violência". De acordo com Build, o fanático meio louco radical de extrema esquerda tinha sido vítima de um meio louco radical de extrema direita. A Federação acusou Springer de tentar tornar seu líder responsável pelo atentado em sua

¹³ (BRANDT, Joseph A. Testing time for the west Germany press. *Journalism Quarterly*, v. 34, Spring, 1957, p. 241.)

¹⁴ HOLLSTEIN, M., loc. cit.)

¹⁵ MÜLLER, Hans Dieter, op. cit., p. 5.)

¹⁶ (MÜLLER, Hans Dieter, op. cit., p. 13.)

própria vida. Enquanto na Alemanha Springer estava sendo descrito como explorador, em Nova York, durante sua visita à cidade, os manifestantes o chamavam de nazista.

Como vemos, de um lado, interesses estavam sendo salvaguardados e defendidos por esta imprensa comercial servil sob o pretexto de promover o bem estar geral; por outro, a imprensa política estava jogando com a emoção das massas através do sensacionalismo, doutrinação, incitação emocional, supressão da razão, "e um apelo geral aos básicos instintos do homem".¹⁷

Outra evidência da fragilidade dos princípios liberais de tolerância à opinião contrária, respeito à privacidade, objetividade e balanceamento, é o fato de que o Judiciário mostrava-se inábil em colocar barreiras à irresponsabilidade jornalística. Na verdade, a maior parte dos mais renomados editores dos jornais radicais eram, ao mesmo tempo, militantes políticos eleitos para representarem seus partidos no Reichstag e, nesta condição, gozavam de imunidade parlamentar. Na primavera de 1931, por exemplo, cerca de 400 ações contra a imprensa foram suspensas "devido a tais imunidades".¹⁸

As cortes também mostravam-se relutantes em aplicarem o novo espírito liberal da Constituição alemã. Elas mantiveram a antiga prática de aplicar o regulamento do Ato de Comércio da Alemanha que requeria dos *publishers* a submissão de todos os produtos literários às autoridades policiais. Dezenas de casos de confisco de jornais sem autorização judicial foram feitos sob a suspeição da lei criminal, destinada que era a manter a estabilidade social em caso de ameaça interna ou externa.

Portanto, confisco, supressão, suspensão e decretos de emergência eram algumas das medidas utilizadas pelo governo para intervir nesta luta entre jornais partidários cujo principal objetivo era criar e manter o emocionalismo da massa. Alguns exemplos de restrições sobre a imprensa de esquerda pelo sistema judicial ilustram o tipo de conflito que estavam então aparecendo naquele país.

A imprensa de esquerda era o *medium* 'par excellence' para a difusão das idéias republicanas. Ela também chamava a atenção dos leitores para as atividades ilegais das organizações secretas paramilitares que estavam preparando a derrubada da República. Reportagem deste tipo era interpretada pelo Judiciário como traição porque "revelava a existência de condições, ilegal na lei alemã, para o propósito de estimulação de ações remediadoras".¹⁹ Um editor, por exemplo, foi sentenciado pela Suprema Corte a 18 meses de prisão devido a um artigo que

¹⁷ FLIESS, Peter J., *op. cit.*, p. 4.

¹⁸ FLIESS, Peter J., *op. cit.*, p. 69

¹⁹ FLIESS, Peter J., *op. cit.*, p. 67.

revelava e protestava pela existência de uma misteriosa secção "M" no exército "que supostamente operava aviões não autorizados pelo Tratado de Versalhes".²⁰ Cerca de 360 relatórios de violações foram recebidos e 315 julgados no período de 1924 a 1930.²¹

Um exemplo de decreto de emergência é o promulgado logo depois do assassinato de Erzberger e Rathenau, dois dos mais proeminentes políticos alemães deste período. O decreto visava deter a longa campanha de difamação contra os líderes do país. A administração Brüning também combateu a imprensa, mas através da supressão. O novo líder da República estava preocupado com a eventual disseminação de um pânico generalizado devido aos efeitos da crise econômica. Seu objetivo era combater a confrontação entre líderes políticos oponentes e a desconfiança entre governo e cidadãos. Declarações como o "Governo deseja levar o povo mais e mais à servidão", e "o Chanceler é incapaz de um pensamento alemão e de atitudes patrióticas" foram desculpas suficientes para confiscar a edição e colocar os jornais sob as provisões do Ato de Emergência.

Outro exemplo de decreto contra a imprensa é o que exigia a publicação de declarações do Governo, ou suas respostas a toda e qualquer manifestação que lhe era hostil. O decreto incluía provisões proibindo os jornais de criticarem as declarações do Governo publicadas na mesma edição. "Prisão era mandatória por mero comentário derogatório ou difamação ou injúria a pessoas na vida pública se o fato insultante fosse afirmado em público ou destinado a fazer a pessoa afetada parecer sem valor para o efetivo cumprimento de sua função pública".²²

Em suma, aparentemente o Governo não encontrou outra opção exceto a de enfrentar a instabilidade social, política e econômica com tais decretos de emergência. Os partidos, a imprensa e as massas estavam todas envolvidas em discussões altamente polarizadas. Os jornais sensacionalizavam os eventos ajudando a criar o clima para que se aplicasse as exigências da direita que clamava por ordem e silêncio.

Havia pouca tolerância pelas idéias alheias. Na verdade, a sociedade alemã tinha se desintegrado. A tolerância expressa na Constituição não conseguira fincar raízes neste ambiente de ataques abertos à República, que despertara o emocionalismo da massa, de intensos choques entre oponentes políticos, e de constituição de organizações para-militares. A imprensa não conseguia refletir valores liberais nestas circunstâncias. Pelo contrário, ela desempenhou um papel importante em apoio a esta estratégia de minar a República. Com isso, sucum-

²⁰ FLIESS, Peter J., *loc. cit.*.

²¹ FLIESS, Peter J., *op. cit.*, p. 69

²² FLIESS, Peter J., *op. cit.*, p. 84.

biam os utópicos sonhos de Weimar que ambicionava a construção de uma democracia liberal numa terra e período de desintegração social.

O país tinha se partido em grupos mutuamente hostis. Era claro que a nova Alemanha do entreguerra não dispunha nem da tradição liberal do oeste nem de um pacto social que assegurassem valores sociais básicos e mínimos de convivência. O país permanecia fortemente ligado às tradições monárquicas do Império. A ineficácia da imprensa em ajudar os homens de Weimar a quebrar radicalmente com estes laços parece ser uma das evidências desta tendência de volta ao passado expressa logo a seguir com a vitória do totalitarismo.

O próximo capítulo da história alemã é conhecida de todos: os nazistas declararam que a imprensa era o reflexo da "terrível decomposição" alemã.²³ Como resultado, o partido nazista banuiu e confiscou as propriedades de jornais comunistas e de judeus. Em dois anos, cerca de 500 jornais foram fechados e o leitor teve então uma única opção: assinar ao jornal do partido nazista já que todas as demais editoras foram, logo seguir, ordenadas a cessarem sua produção jornalística.²⁴

REEDUCAÇÃO E CONTROLE NA ERA DO PÓS-GUERRA

Os Aliados chegaram à conclusão de que a imprensa da Alemanha era, pelo menos em parte, responsável pelo declínio da República devido a sua prática de mesclar notícia com opinião. Portanto, nesta nova era os novos editores e *publishers* foram exigidos a procederem da forma oposta, respeitando a tradição anglo-americana de se divorciar a notícia da opinião editorial.

Esta tarefa de reconstrução sob tais valores foi feita em quatro distintas fases. A primeira ocorreu logo depois da guerra, com o *blackout* da informação. Foi logo seguida por jornais "abertos" editados por uma equipe de especialistas em guerra psicológica. A terceira e mais importante fase – o sistema de licenciamento – começou a ser aplicada quatro meses depois da rendição dos nazistas em 1945 e continuou a ser utilizada até 1949. Na última fase, a Alemanha recebeu novamente a liberdade de imprensa.

O sistema de licenciamento é, de fato, o período no qual os Aliados introduziram e aplicaram suas idéias sobre a imprensa desta que deveria ser uma nova Alemanha. O sistema de licenciamento de jornais já tinha existido na Inglaterra

²³ FREI, Norbert. Reform of the German Press System. *Journalism Quarterly*, v. 64, Winter, 1987, p. 796.

²⁴ FREI, Norbert. *loc. cit.*

(1663-1695), nos Estados Unidos (1690-1735) e nos estados germânicos até a fundação do Império alemão em 1871.

Os objetivos e procedimentos operacionais deste sistema reutilizado na Alemanha do pós-guerra foram descritos numa lei promulgada em 15 de maio de 1945 na zona de domínio norte-americano. Sob este sistema foram excluídos todos os *publishers* e jornalistas que tinham operado, apoiando ou não (os nazistas) de acordo com o espírito do Partido Nacional Socialista, incluindo os antifacistas mas conservadores".²⁵

Os americanos também controlaram todas as empresas de notícias, plantas impressoras e agências de informações em sua zona de controle. Oficiais de comunicação puseram-se a examinar o passado dos candidatos a licenças para publicação de um jornal. Na realidade, a maior parte deles não tinha experiência prévia no campo. Os editores antigos chamavam estes 'protegés' do novo regime como 'a nobreza licenciada' porque tinham sido escolhidos não devido a suas qualificações mas devido a seus *backgrounds* políticos. Neste sentido, os politicamente perseguidos pelos nazistas foram os primeiros a serem escolhidos. Muitos deles tinham sofrido em prisões e campos de concentração. Outros foram exilados ou "hibernaram" no regime nazista.

Os novos editores e *publishers* tinham, de um lado, que pagar com o preço do silêncio. Eles tinham sido solicitados a evitarem qualquer tipo de crítica contra os Aliados. Por outro, receberam todas as formas de apoio. Tal censura sutil foi aplicada de diferentes formas: antes da publicação (na zona britânica), através de controle realizado em cada jornal por unidades especializadas (na zona francesa), ou através de uma supervisão após a publicação (na zona americana). Ofertas de facilidades técnicas foram oferecidas em contrapartida aos novos editores alemães como equipamentos de composição, escritórios para publicidade e administração. Eles também ofereceram às novas editores assistência econômica nos primeiros períodos de operação.

Os Aliados tiveram que enfrentar muitas dificuldades na reconstrução desta nova imprensa alemã. Havia escassez de papel. Antes da guerra, 55% do fornecimento desta matéria-prima para a Alemanha vinha da área ocupada pela União Soviética. As zonas americana, britânica e francesa produziam 15, 10 e 8% do fornecimento. Os outros 12% vinham da Polônia. As máquinas necessitavam de reparos, e a escassez de outras matérias primas para a imprensa eram igualmente enormes. Não havia linhas telefônicas disponíveis, pessoal qualificado, nem agências de notícias e correspondentes. As notícias estrangeiras eram fornecidas pelo exército aliado.

²⁵ MEIR, 1954, p. 224.

Os primeiros jornais licenciados eram modestos e pequenos. Em muitos casos não tinham mais do que duas páginas; em outros, 4, 5 e 8 páginas. Cada jornal tinha uma quota de papel para um quarto do ano. A licença especificava a frequência, o formato, o número de páginas, o tamanho da edição e a área do monopólio.²⁶ O processo de reeducação começou através de uma nova política editorial e de conteúdo supervisionada pelas autoridades aliadas.

Os jornais licenciados tinham que dar oportunidade a todos os partidos políticos para expressarem seus pontos de vista. O modelo deste novo comportamento da imprensa era o *Die Neue Zeitung*, um dos 10 jornais do exército americano que foram regularmente distribuídos no país em 1945 com uma circulação de 2.860.000.²⁷

Além de notícias sobre a reconstrução da Alemanha, habitação, rações alimentares, reabilitação dos serviços públicos e relatos da cena política, as primeiras edições desta nova imprensa licenciada também tinha uma boa quantidade de notícias internacionais. A cena cultural estava sendo metodicamente orientada em direção aos valores liberais como a liberdade de expressão.

Durante o período de 1945 a 1949 muitas licenças foram concedidas pelos Aliados. O primeiro jornal do pós-guerra, o *Aachener Nachrichten* – apareceu como um semanário em 24 de janeiro de 1945. Logo apareceram sete jornais semanais na zona americana com uma circulação de mais de 3 milhões, todos eles tentando dizer às pessoas o que tinha acontecido e o que estava ocorrendo.²⁸ Entre 1945-1949, a Divisão de Controle de Informação americana licenciou 62 publicações e *publishers*. Os britânicos licenciaram 61 jornais, os franceses 33, e os soviéticos, 21.²⁹ Os periódicos americanos não tinham conexão com os partidos e eram liderados por duas ou três pessoas que podiam ser de organizações políticas diferentes. Os americanos, na realidade, queriam exigir a cooperação entre pessoas com distintas visões e opiniões. Esta decisão não foi seguida pelos britânicos que concederam algumas licenças a instituições políticas.

Em 1948, os americanos tinham licenciado 62 jornais na sua zona (circulação de 4.200.000); os britânicos, 45 (circulação de 3.000.000) e os soviéticos, 25 (circulação entre 3 a 5 milhões), a maior parte sendo controlada pelo Partido de Unidade Socialista.³⁰ Havia também cerca de 690 edições nas comunidades vizinhas aos grandes jornais. A circulação total era de aproximadamente 20 milhões.

²⁶ MEIR, 1954, p. 277.

²⁷ MEIR, 1954, p. 224.

²⁸ MEIR, 1954, p. 278.

²⁹ FREI, Norbert, *loc. cit.*

³⁰ MEIR, 1954, p. 278.

Não houve caso de retirada de licença. Os americanos reprimiram uma vez o *Sueddeutsche Zeitung* (em 25 de junho de 1946) por ser crítico ao Governo da Tchecoslováquia no que se refere ao tema da deportação dos cidadãos alemães, e a França suspendeu uma vez o *Der Kurier* por um dia por ter criticado o Governo militar soviético de Berlim.

A nova era-de-liberdade-de-imprensa começou em 2 de maio de 1949, quando um ato pôs fim ao sistema de licenciamento. Os estados alemães foram solicitados a aprovarem leis que garantissem liberdade de imprensa, proibissem a censura e evitassem o controle do noticiário pelo Governo. Wuettemberg-Baden, por exemplo, aprovou sua lei em 1 de junho de 1949; Hessen, em 22 de julho; Bavaria, em 22 de agosto; e Bremen, em 8 de setembro.

Os Aliados, no entanto, colocaram alguns limites a esta liberdade. O ato proibiu a oposição ao Governo militar em nome do nacional socialismo, idéias fascistas ou antidemocráticas, militarismo ou pangermanismo, ataques a figuras públicas e contra a unidade dos Aliados. Os jornais, agora vivendo um regime de competição livre no mercado, foram também proibidos de estimularem a desconfiança dos alemães contra os Aliados assim como de defenderem os pontos de vista de oposição às medidas do Governo militar.

Sob tal governo, o sistema de luta entre os velhos e os novos editores tinha chegado ao fim. Logo após o término do licenciamento, novos jornais apareceram em todo o país. Na Bavária, por exemplo, no primeiro dia após o fim dos controles, 25 jornais começaram a operar. Em Hesse, na primeira semana, este número tinha pulado de 14 para 47. No primeiro mês, em Württemberg-Berlim, o número pulou de 66 a 110.

A zona britânica teve nos primeiros 30 dias 150 jornais. A imprensa alemã tinha agora 165 editores ex-licenciados e 508 antigos *publishers*. Em dois meses, a circulação de ex-licenciados tinha caído em um terço. Na zona americana, a circulação de 4.095.000 no último mês da licença tinha caído 800 mil exemplares em 1951. Naquele ano, os periódicos do pós-licenciamento tinham alcançado uma circulação de 1.289.000 exemplares.

Cerca de 4,3% de todos os jornais tinham alcançado uma circulação acima de 50 mil enquanto 70% alcançou uma circulação de 10 mil ou menos. *Publishers* receberam empréstimos de aproximadamente 15 milhões de marcos alemães para desenvolverem suas organizações.³¹

³¹ LIEBES, Peter. The post-licensed press in the US occupation zone of Germany. *Journalism Quarterly*, v. 31, Spring, 1954, p. 67.

Dez anos depois da guerra a imprensa alemã tinha recuperado sua antiga circulação e a maior parte dos jornais definiram-se como independentes.³² Em 1932, pouco antes do *takeover* nazista, havia no país 2483 jornais com uma circulação total de 16,5 milhões.³³ Em contraste, no inverno de 1956, a circulação total de jornais na Alemanha tinha alcançado a marca de 15 milhões para 1383 jornais. Além disso, neste período do pós-guerra sob controle Aliado, nenhuma publicação nazista apareceu na Alemanha, e 20 jornais comunistas tinham apenas 0,6% do total da circulação. Enquanto em 1932, 47,6% de todas as publicações consideravam-se jornais de partidos, em 1953 somente 10% descreviam-se desta forma. A grande maioria definia-se como neutra, não partidária ou independente.

Pode-se dizer, pois, que os alemães recuperaram a liberdade de imprensa no período do pós-guerra somente após um processo de reeducação através do qual os Aliados desejavam mudar, de uma maneira radical, a estrutura e os padrões profissionais desta nova imprensa.³⁴

Os Aliados foram capazes de mudar também o clima ideológico sob o qual esta imprensa acabaria funcionado. De acordo com os Aliados, mudanças tinham que ser feitas naquela fragmentada estrutura de pequenos jornais comerciais dependentes de algum magnata ou *businessman*. Os Aliados não podiam aceitar igualmente a imprensa *partisan*, cuja reportagem parcial possuía uma orientação ideológica pré-definida. Este comportamento tinha ajudado a aumentar a tensão e o alarme na opinião pública na curta experiência de relativa liberdade da República de Weimar.

³² Em 1967, 65% de todos os jornais da Alemanha se classificavam de independentes. A maioria das revistas seguiram também o mesmo padrão dos outros países: mais debate com menos envolvimento emocional, não repetindo desta forma a experiência da imprensa ideológica da República. Por outro lado, uma nova imprensa de jornais semanais políticos surgiu. É o caso de *Zeit*, em Hamburgo, que defendia posições radicais; *Christ and Welt*, de Stuttgart, de posição nacional conservadora; e *Vorwärts*, que apresentava uma posição social-democrata.

³³ LIEBES, Peter, *op. cit.* p. 61.

³⁴ Os aliados decidiram ajudar a reconstruir a nova imprensa na Alemanha não só através da assistência econômica e supervisão mas também através de duas escolas de jornalismo, uma norte (Aachen), a outra no sul (Munique). Desde então este país desenvolveu um sistema híbrido do qual tomam parte universidades e os media. Cursos de jornalismo são incluídos em cátedras de sociologia ou de história moderna. Estes cursos de *publizistik* estão sendo oferecidos em alguns lugares, como a Universidade Livre de Berlim (desde 1948), a Universidade Maximilian de Munique (desde 1924), o Instituto *publizistik*, na Universidade Münster (desde 1919), a Universidade Karl de Heidelberg (desde 1927), e a Universidade de Hamburgo (desde 1952). No entanto, 3/4 dos jornalistas alemães estão sendo preparados como "trainees" (*volontariat*) pelos próprios media. Os candidatos devem ter diploma de segundo grau e idade entre 18 e 22 anos. O curso leva dois anos e focaliza principalmente as habilidades práticas. Os mais talentosos entre eles podem então passar ao treinamento da Escola de Jornalistas em Munique considerada uma das instituições com mais prestígio deste tipo. Ela recebe em média, a cada ano, 30 alunos que tem 8 meses de cursos teóricos e 6 de práticos.

Como resultado, o sistema de licenciamento foi, de fato, uma maneira de reeducar os alemães. Não pretendia ser um formato final, já que não expressava de forma alguma a opinião pública. Os Aliados estavam conscientes de que a falta de liberdade e censura não era o tipo de democracia que eles gostariam de impor aos alemães. Eles sabiam que os leitores "olhavam com desconfiança os licenciados desde o início".³⁵ Os novos jornais eram agora veículos não ideológicos, menos literários e muito mais orientados às notícias.

Sob o novo sistema, a nova imprensa tinha conseguido, de fato, realizar uma formidável tarefa. Tinha que mostrar-se valorosa não somente aos Aliados mas também, e principalmente, aos alemães que estavam, depois da guerra, "tentando desesperadamente digerir o passado, sobreviver o presente e encontrar algo de valor para viverem no futuro".³⁶

A liberdade de imprensa concedida em 1949 ajudou igualmente a resolver outros tipos de conflitos tais como as disputas entre os novos e velhos editores.³⁷

Os Aliados logo perceberam que somente através da livre competição no mercado poderiam os novos editores licenciados aprender a ficar de pé e prover uma imprensa independente para a democracia alemã.

Finalmente, os Aliados esperavam que o conflito e a luta entre as visões totalitária e liberal, usual no entre-guerra, tivesse chegado a um fim. A experiência acumulada desde então, e a unificação alemã recente, revelam aparentemente que

³⁵ MEIR, 1954, p. 231.

³⁶ LIEBES, Peter, *op. cit.* p. 62.

³⁷ Mais recentemente, e desde a década de 1950, um número de novas controvérsias ocorreram na Alemanha envolvendo a imprensa. Uma das mais populares foi a solicitação dos *publishers* em serem incluídos na operação das redes de televisão e rádio. Em 1967, o governo alemão reagiu negativamente a esta demanda porque, segundo as autoridades, isso resultaria em indesejável monopólio. Censura imposta por um novo tipo de lei de imprensa ou auto-censura se constituiu no segundo tema polêmico da Alemanha do pós-guerra. O caso foi resolvido com a criação de institutos de autocontrole gerenciados pelos próprios media. Entre eles estava o Conselho Alemão de Imprensa, estabelecido em 1958, que aplicou o código de ética protegendo a liberdade de imprensa, assegurando acesso às fontes, e tornando-se no órgão representativo da imprensa junto ao governo, parlamento e público. O outro grande tema que dividiu as partes nas discussões envolveu o tema da liberdade interna dos jornalistas nas redações. O Sindicato dos Jornalistas da Alemanha (DJV), que tinha 3750 membros em 1973, solicitava algum tipo de regulamento entre *publishers* e a equipe editorial. Duas questões principais dividia os jornalistas e os *publishers*: quem é a autoridade maior na redação, e o desejo dos jornalistas em tomarem parte na administração de pessoal. A Associação dos Jornalistas Alemães (DJU) com 9 mil membros incluindo os da DJV, recomendaram naquela oportunidade a fundação de cooperativas em vez da imprensa privada tradicional. De acordo com a DJU, a imprensa privada tinha falhado em cumprir seus deveres públicos no passado, referindo-se à época de Weimar. A resposta dos *publishers* a este argumento expressava o tradicional ponto de vista de que é necessário sustentar a sociedade democrática. Eles também disseram que todos os tipos de organizações que tendiam ao socialismo não eram suficientemente flexíveis já que abriam as portas às influências do Estado e outras.

eles foram bem sucedidos neste desafio e que a nova imprensa alemã ocidental parece ser forte, liberal e democrática.

CONCLUSÃO

A primeira parte deste ensaio mostra que a imprensa alemã teve, de fato, um papel determinante no declínio da República de Weimar. Isso se deve a sua imprensa militante cujo principal objetivo era divulgar slogans políticos e servir de instrumento de luta entre partidos políticos. Müller³⁸ diz que os gênios em jornalismo de massa são gênios em produção de estereótipos. Nesse sentido, esta imprensa ideológica estava plena de gênios. Mas também é verdade que a imprensa comercial é co-responsável por este declínio. Faltavam-lhe os requisitos básicos como independência econômica e editorial, assim como uma reportagem ativa, objetiva e balanceada.

A primeira parte também mostra que a Alemanha experimentou, uma vez mais, as idas-e-vindas de seus ideais e leis. Valores como a liberdade de imprensa e de expressão eram desafiados por promessas de ordem e segurança vindas ora da direita e ora da esquerda. A opinião pública revelava-se alarmada não só porque as pessoas sofriam o desemprego, a inflação e a instabilidade política, mas também porque a imprensa criava e mantinha tal emocionalismo. É um período histórico no qual se percebe com clareza o entrelaçamento da política, da economia, das estruturas sociais, da guerra psicológica, do jornalismo e da propaganda.

A segunda parte descreve como os Aliados construíram com sucesso não só uma imprensa mas também uma sociedade liberal com raízes fincadas nos valores que Hitler abominou. O sistema de licenciamento e a liberdade de imprensa sob vigilância foram dois momentos nos quais os *publishers* e editores foram treinados, com sucesso, para desenvolverem uma imprensa na Alemanha onde a informação, a objetividade e o balanceamento, e não visões ideológicas estereotipadas, deveriam ser buscadas.³⁹

³⁸ MÜLLER, Hans Dieter, *op. cit.*

³⁹ Levando-se em conta as considerações técnicas de classificação de publicações, a Alemanha já possuía 20 anos atrás 10.500 títulos (de todos os tipos de publicações) com uma circulação de 190 milhões de exemplares, ou um título para mil alemães ocidentais. Enquanto a circulação média de periódicos alemães era de 20 mil, a circulação média de jornais era de 13.500; a Alemanha tinha cinco cópias de cada edição de cada periódico por cada indivíduo da população contra uma simples cópia de jornal para cada grupo de três leitores. Tais tendências aqui assinaladas são comuns nos países de economia de mercado do ocidente onde os jornais são em grande maioria matutinos, como ocorre na Alemanha, e onde é possível uma enorme gama de opções de revistas e publicações. O padrão da imprensa alemã, portanto, é ocidental no que se refere a sua abertura, número de títulos e exemplares, e postura editorial.

Nesse sentido, é um caso especial, talvez incomum, de intervenção onde potências estrangeiras são capazes de reeducar e impor padrões de comportamento à imprensa e aos jornalistas de uma nação dominada que desde então busca a auto-estima resgatando, para isso, procedimentos típicos da moderna democracia do ocidente.

Para que isso ocorresse foi necessária a participação ativa de uma nova geração de jornalistas que acolheram a nova-velha escala de valores tão exaltada ao longo do tempo pela clássica escola de pensadores humanistas alemães. Só houve reeducação porque houve quem se reeducasse e se dispusesse a reconstruir a escala de valores que horrorizara Hitler e seus comparsas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALTSCHULL, J. Herbert. Chronicle of a democratic press in Germany before Hitler takeover. *Journalism Quarterly*, v. 52, Summer, 1975, p. 229-238.
- BRANDT, Joseph A. Testing time for the west Germany press. *Journalism Quarterly*, v. 34, Spring, 1957, p. 239-246.
- FLIESS, Peter J. Freedom of the press in the German Republic 1918-1933. Louisiana State University Press - Social Science Series - n. 4, 1955.
- FREI, Norbert. Reform of the German Press System. *Journalism Quarterly*, v. 64, Winter, 1987, p. 793-798.
- HALE, Oron J. *The captive press in the Third Reich*. Princeton: Princeton University Press, 1964.
- HOLLSTEIN, Milton. Springer - Germany's most remorselessly criticized publishing giant. *Journalism Quarterly*, v. 59, Spring, 1982, p. 34-39.
- JOESTON, Joachim. *The german press in 1947*. New York: 1947.
- LIEBES, Peter. The post-licensed press in the US occupation zone of Germany. *Journalism Quarterly*, v. 31, Spring, 1954.
- MÜLLER, Hans Dieter. *Press power: a study of the Axel Springer*. MacDonal: London, 1969.
- OLSON, Kenneth E. *The history makers: the press of Europe from its beginning through 1965*. Baton Rouge: Louisiana State University Press, 1966.